

# Josef Fritzl, um carrasco inteligente e calculista

Durante 24 anos foi o carrasco da filha, manteve com ela uma relação incestuosa, engravidou-a sete vezes, foi aumentando a masmorra onde a tinha presa à medida que mais crianças nasciam. A Áustria está em choque. Josef Fritzl, de 73 anos, é descrito como um “monstro”



IMAGEM: PETER DAUBER/REUTERS

## Andreia Sanches

● É muito cedo ainda para responder com detalhe à pergunta que toda a gente faz neste momento: que tipo de homem é Josef Fritzl, o austríaco que forçou a filha a viver em cativeiro durante 24 anos, que a engravidou sete vezes e que obrigou três dos filhos a crescer com ela numa masmorra sem janelas? Mas dizer que se trata de alguém perverso, muito inteligente, manipulador e com uma “grande capacidade de adaptação” - ou nunca teria conseguido manter o seu segredo durante mais de duas décadas - não é arriscar de mais, diz Carlos Poiares, especialista em Psicologia Criminal.

Josef Fritzl não matou, mas aparentemente partilha com alguns *serial killers* que a ciência tem estudado algumas características, nota Fernando Almeida, psiquiatra no Hospital de Magalhães Lemos, no Porto, e professor no Instituto Superior da Maia. “Em muitos casos de crimes em série encontramos uma forte componente sexual e esta coisificação do outro... sendo que o outro aqui é a filha que ele transformou na sua escrava sexual, o que torna tudo mais hediondo.”

Será este austríaco de 73 anos - um engenheiro reformado que os vizinhos achavam simpático - um doente mental? “A sua forma de actuação não é típica de um doente psicótico”, continua Fernando Almeida. “Ele tem uma vida conseguida,

actuou de uma forma calculista, teve uma grande capacidade de arranjar desculpas para as coisas que foram acontecendo... e aparentemente está bem na sua pele, tanto que conseguiu viver anos com os seus crimes.”

A filha, Elisabeth Fritzl, hoje com 42 anos, aceitou este fim-de-semana contar à polícia o que se passou com a condição de não ter de voltar a cruzar-se com o pai. Ontem mantinham-na internada. Está psicologicamente afectada e fisicamente muito frágil, segundo as agências de notícias.

Elisabeth terá começado a ser abusada sexualmente pelo pai aos 11 anos. A mãe, Rosemarie, nunca terá desconfiado. É pelo menos isso que conta Elisabeth, uma mulher pálida e muito envelhecida, de acordo com o relato da polícia.

No dia 24 de Agosto de 1984, tinha ela 18 anos, o pai drogou-a, amarrou-lhe as mãos e fechou-a num anexo da casa da família, na pequena cidade de Amstetten, a 130 quilómetros de Viena.

A masmorra é descrita como uma “rede” de salas, algumas das quais com não mais de 1,70 metros de altura, com casa de banho, espaço para preparar refeições e para dormir e uma cela acolchoada, cuja finalidade é desconhecida. Ao complexo de salas e quartos só se acede através de uma porta electrónica de betão - dissimulada, numa adegas, atrás de prateleiras - que só abre mediante a introdução de um código.

Naquele dia de Agosto de 1984 tudo apontava para que a jovem Elisabeth tivesse fugido de casa - Josef e Rosemarie tinham mais quatro filhos, para além de Elisabeth, que entretanto constituíram família. Pouco mais se sabe deles, pelo menos para já.

Quando, cerca de um mês depois, apareceu uma carta, escrita por Elisabeth, onde ela pedia que deixassem de procurá-la, a polícia partiu do pressuposto que a jovem ter-se-ia juntado a uma seita. Rosemarie também terá acreditado nisso. Mas tudo não passava, segundo conta agora a ex-prisioneira, de uma farsa arquitetada pelo pai.

## Uma avó simpática

Não se sabe ao certo quando é que Elisabeth terá dado à luz pela primeira vez: Kerstin, a primeira filha, nasceu entre 1988 e 1989 (tem hoje 19 ou 20 anos) e Stefan cerca de um ano depois.

Elisabeth teve mais cinco filhos, todos resultado da relação com o pai. Fritzl terá assistido a todos os partos. “Tudo o que se passou vai para além da nossa imaginação”, desabafou Guenther Platter, o ministro do Interior.

Um dos bebés morreu com apenas alguns dias de vida e Fritzl terá queimado o cadáver. Os restantes tiveram destinos diferentes. Três (Kerstin, Stefan e Felix, que tem apenas cinco anos) cresceram no anexo que foi sendo aumentado ao longo dos anos, à medida das necessidades, sempre em segredo. Nunca foram à escola, nem ao médico. Nunca saíram à rua. Nunca brincaram no jardim. O seu único contacto com o mundo exterior era uma televisão.

Para os outros três - Lisa (hoje com 16 anos), Monica (14) e

Alexander (11) - Fritzl escolheu outra vida: entre 1993 e 1997 deixou-os junto à porta de casa onde vivia com a mulher, juntamente com bilhetes escritos por Elisabeth onde esta pedia à família que tomasse conta das crianças.

Rosemarie terá acreditado sempre que Elisabeth estaria algures, em parte incerta, a dar à luz crianças de que não podia tomar conta; pelo que pedia a ajuda dos pais. E Fritzl queixava-se muito da polícia nunca ter conseguido localizar a filha.

A Segurança Social também nunca desconfiou e atribuiu ao casal Fritzl a guarda legal dos três netos. Os meninos iam à escola - sempre pela mão de Rosemarie, “uma senhora verdadeiramente simpática”, segundo uma vizinha - e eram aparentemente felizes, conta a edição *on-line* do semanário alemão *Der Spiegel*.

Até que, na semana passada, Kerstin, a rapariga de 19 anos, e uma das filhas de Elisabeth e Josef mantida em cativeiro, adoeceu. Já no hospital, os médicos pediram a presença da mãe da jovem, disseram que precisavam de mais dados sobre a sua história clínica, sob pena de não conseguirem salvá-la. Há versões contraditórias sobre o que terá acontecido depois. Josef terá decidido libertar Elisabeth e os dois filhos que com ela permaneciam encarcerados. E contado à mulher que a jovem desaparecida havia 24 anos decidira finalmente regressar.

## Testes de ADN

O *Spiegel* diz que, no caminho para o hospital, Josef e Elisabeth foram mandados parar por uma patrulha da polícia que deteve o engenheiro reformado na sequência de uma denúncia anónima.

Os seis filhos de Elisabeth deverão

ser sujeitos a testes de ADN para que se possa confirmar se são mesmo o fruto da relação incestuosa de Fritzl com a filha. “Mas tudo leva a crer que são de facto”, explicou Franz Polzer, o homem que está a liderar as investigações.

Para os *mídia* austríacos Josef é um “monstro”. E muitos questionam como foi possível que “o mártirio na casa dos horrores” tenha passado despercebido. Um editorial do diário *Oesterreich* ia mais longe: “A comunidade de Amstetten, incluindo os seus habitantes, devem envergonhar-se”. Afinal, o país mal recuperou da macabra história de Natascha Kampusch - a menina que foi raptada a caminho da escola e mantida durante oito anos numa cave de cinco metros quadrados. E tem ainda na memória o caso das três meninas encarceradas pela mãe, durante sete anos, numa casa escura, num subúrbio de Linz - até que em 2005 foram resgatadas pela polícia.

Agora, a Áustria tem que digerir “o mais extraordinário caso da história criminal da Áustria”, nas palavras de Polzer. E há quem já fale de uma “síndrome austríaca”, o que a Fernando Almeida parece um exagero. Há apenas alguns meses o mundo conheceu a história de Mara, uma brasileira que viveu enclausurada numa cave durante nove anos, em Luziânia, no Brasil. Histórias com caves e abusos não são exclusivas da Áustria.

Certo é que este caso parece confirmar a ideia terrível de que o criminoso mais cruel pode enganar o mundo inteiro. “Estas pessoas são geralmente afáveis”, diz Carlos Poiares. “São socialmente reconhecidas, são os tipos com quem nos imaginamos a passar o Natal.”



Josef Fritzl



A casa de banho da masmorra